

Roteiro scd para concepção de videoaulas

Paula Denise Girão Nobre de Souza

IFCE – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Avenida Treze de Maio, 2081. Fortaleza/CE
55 (85)987809542
pauladgn@gmail.com

Ronaldo Ramos

IFCE – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Avenida Treze de Maio, 2081. Fortaleza/CE
55 (85) 33073607
ronaldo.ramos@gmail.com

ABSTRACT

The video, and especially the video class, has been filling different spaces, virtual ones or not, in our current society. This would not be different in education. In such context, and because teachers do not have training in the audiovisual area, the need arose to create mechanisms that would help such professionals to include this tool in their educational practices. As a result, a video class script model was developed in order to allow the teacher to create and produce with quality and creativity a good video class script: the SCD (Simple, Concise and Didactic) videotape script model. This model was used by some teachers in the video scripting at Profunfuncionário (a Federal Government Program that aims at the technical-pedagogical training of public school employees in basic education) and it was positively validated by them. Thereafter, the scripts produced were recorded at studios and a video class was used and validated by members of the whole team of professionals within the Program.

RESUMO

O vídeo e, em especial, a videoaula, vem preenchendo diferentes espaços, virtuais ou não, em nossa sociedade atual. Na educação isso não seria diferente. Diante desse contexto e, pelo fato de os professores não possuírem formação na área audiovisual, surgiu a necessidade de criar mecanismos que ajudassem tais profissionais a incluir essa ferramenta em suas práticas educativas. Em virtude disso, foi desenvolvido neste trabalho um modelo de roteiro de videoaula para que o professor possa criar e produzir com qualidade e criatividade um bom roteiro de videoaula: o modelo SCD (Simples, Conciso e Didático) de roteiro de videoaula. O modelo foi utilizado por alguns professores na roteirização de videoaulas do Profunfuncionário (Programa do Governo Federal que visa à formação técnico-pedagógica dos funcionários de escolas públicas da educação básica) e avaliado positivamente por estes. Em seguida, os roteiros elaborados foram gravados em estúdio e uma videoaula foi escolhida e validada por membros da equipe de profissionais que compõem o Programa.

Categories and Subject Descriptors

• Applied computing ~ E-learning

Termos Gerais

Vídeo, Roteiro, Videoaula.

Keywords

Vídeo, Script, Video class.

1. INTRODUÇÃO

É possível, sem grandes esforços, perceber como o vídeo e, em especial, a videoaula, vem preenchendo diferentes espaços, sejam

eles virtuais ou não, em nossa sociedade atual. Desde o início do século XX, com a criação do cinema e com o desenvolvimento das tecnologias digitais, o mundo se viu fascinado com esta representação em movimento da realidade.

Na esfera educacional, isso não poderia ser diferente. Além da preocupação com o discurso voltado para o aprendiz, incrementar uma videoaula com outros recursos audiovisuais disponíveis atualmente, ajudaria o aluno a reter melhor o conhecimento com ele compartilhado.

No entanto, para que isso aconteça, faz-se necessário que o professor, produtor fonte desse recurso educativo, tenha conhecimentos específicos sobre a linguagem audiovisual, tais como: tipo de enquadramento, montagem, som, etc. Além disso, é fundamental conhecer e dominar bem as etapas de produção de uma videoaula, a saber: pré-produção (roteiro), produção (gravação) e pós-produção (edição).

De posse desses novos conhecimentos, percebe-se que, para obter um produto audiovisual educativo de qualidade, a etapa de planejamento é a mais importante, visto que esta definirá todo o restante do processo. E, para que o planejamento ou roteirização ocorra de maneira eficaz, também é importante, além de conhecer e dominar as etapas de construção de uma videoaula, entender como os teóricos definem sua classificação e funcionalidade, quais são seus conceitos mais importantes e quais são as ferramentas digitais existentes atualmente para seu desenvolvimento.

Dessa maneira, no nosso atual mundo tecnológico e visual, docentes de todos os níveis se veem desafiados a incorporar novas produções tecnológicas nas suas práticas pedagógicas, uma vez que as formas de aprender têm seguido outros caminhos para além do ensino tradicional. De acordo com Noveli [1] “a sala de aula pode ser deslocada para lugares os mais diversos possíveis, pois sua atividade essencial extrapola limites físicos”.

É notório como o desenvolvimento tecnológico modificou e vem modificando a cada instante a nossa maneira de perceber o mundo e as nossas necessidades. Porém, a escola atual ainda caminha a passos lentos nesta mudança. Acerca disso, Moran [2] discorre:

Hoje, temos um número significativo de professores desenvolvendo projetos e atividades mediados por tecnologias. Mas a grande maioria das escolas e dos professores ainda está tateando sobre como utilizá-las adequadamente. A apropriação das tecnologias pelas escolas passa por três etapas até o momento. Na primeira, as tecnologias são utilizadas para melhorar o que já se vinha fazendo (melhorar o desempenho e a gestão, automatizar processos, diminuir custos). Na segunda etapa, a escola insere parcialmente as tecnologias no projeto educacional. Cria uma página na Web com

algumas ferramentas de pesquisa e comunicação, divulga textos e endereços interessantes, desenvolve alguns projetos, há atividades no laboratório de informática, mas mantém intocados estrutura de aulas, disciplinas e horários. Na terceira, que começa atualmente, com o amadurecimento de sua implantação e o avanço da integração das tecnologias, as universidades e escolas repensam seu projeto pedagógico, seu plano estratégico, e introduzem mudanças significativas como a flexibilização parcial do currículo, com atividades a distância combinadas com as presenciais. Os professores, em geral, ainda estão utilizando as tecnologias para ilustrar aquilo que já vinham fazendo, para tornar as aulas mais interessantes, mas ainda falta o domínio técnico-pedagógico que lhes permitirá, nos próximos anos, modificar e inovar os processos de ensino e aprendizagem.

É um desafio, não tão recente, para a escola e, sobretudo para os professores, modificar essa realidade. No entanto, afirmar tal posição impõe ao professor, que não nasceu na chamada era tecnológica e, muitas vezes, não teve uma formação adequada, uma carga de novas e complexas atribuições. Nem na escola, nem na faculdade lhe foi ensinado a usar, manusear e produzir conteúdo utilizando-se das novas tecnologias. Apenas lhe foi ensinado, conforme mostra Kenski [3], por meio de livros e palavras, os conteúdos ditos necessários à sua formação:

[...] professores estão habituados basicamente a um regime disciplinar de estudo através de textos escritos. Formam-se professores sem um conhecimento mais aprofundado sobre a utilização e manipulação das tecnologias educacionais e sentem-se inseguros para utilizá-las em suas aulas. Inseguros para manipular estes recursos quando a escola os têm; inseguros para saber se terão tempo disponível para ‘dar a matéria’ [...] e, na dúvida, vamos ao texto, à lousa, à explanação oral - tão mais fáceis de serem executados, tão mais distantes e difíceis de serem compreendidos pelos jovens alunos.

Diante desse contexto, surgiu a necessidade de criar mecanismos que ajudassem os professores neste desafio. E, como a primeira etapa de produção de videoaula é a mais importante, já que é nesta fase que o professor se transforma numa espécie de “arquiteto pedagogo”, pretende-se, neste trabalho, desenvolver um modelo de roteiro de videoaula para que o professor possa criar e produzir, com qualidade e criatividade, roteiros de videoaula.

Para atingir esses objetivos, foi realizado, primeiramente, um estudo e análise de diferentes tipos de roteiros e, em seguida, foi realizado um questionário com diversos usuários de videoaulas, através da ferramenta *Google Forms*, com o intuito de verificar quais os anseios e objetivos quando se busca um material audiovisual educativo deste tipo.

Com base nos dados mencionados anteriormente, foi elaborado um modelo experimental de roteiro de videoaula denominado SCD (Simples, Conciso e Didático). O modelo proposto foi utilizado pelos professores na roteirização de videoaulas do Profucionário (programa do Governo Federal que visa à formação técnico-pedagógica dos funcionários de escolas públicas da educação básica). Em seguida, os roteiros foram encaminhados para a gravação em estúdio profissional.

O passo seguinte foi validar o modelo proposto. Para isso foram realizadas duas pesquisas: a primeira com os professores que atuaram diretamente com o modelo SCD, para verificar se e como esse modelo de roteiro contribuiu na pré-produção de videoaulas; e a segunda, com professores que fazem parte da equipe de trabalho do Profucionário com o intuito de mensurar a qualidade das videoaulas produzidas e a aceitação deste tipo de material didático.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A linguagem audiovisual

Para produzir videoaulas, faz-se essencial conhecer e dominar alguns termos da linguagem audiovisual. Há mais de vinte anos, Ferrés [4], preconizava o que parece ser uma realidade dos dias modernos: “inexiste uma formação específica, sistemática e generalizada do professorado para o uso dos meios audiovisuais em todos os níveis educativos”. Por isso, o professor, que não teve acesso a esse conhecimento e/ou não faça parte de uma equipe audiovisual, precisa, por conta própria, explorar esta área, para assim, poder usar adequadamente os recursos audiovisuais.

Para começar, a noção de plano “designa a unidade mínima da linguagem cinematográfica, isto é, um segmento ininterrupto de tempo e espaço fílmico, ou seja, uma imagem contínua entre dois cortes ou duas transições” Nogueira [5]

De forma mais clara, plano de câmera é o nome dado à maneira pela qual uma imagem, geralmente humana, é capturada por uma câmera de cinema ou vídeo. Basicamente, pode-se dizer que escolher o plano é definir a distância entre a câmera e o objeto que está sendo filmado.

A seguir, é apresentada uma das nomenclaturas usadas na linguagem cinematográfica, as quais retratam os tipos de planos.

Tabela1. Tipos de planos

		
PLANO GERAL: mostra todos os elementos da cena.	PLANO INTEIRO: mostra a pessoa, animal ou coisa, em sua totalidade.	PLANO AMERICANO: mostra a pessoa até a altura dos joelhos.
		
PLANO MÉDIO: mostra a pessoa mais ou menos até a cintura.	PRIMEIRO PLANO: mostra a pessoa a partir dos ombros.	PLANO DETALHE: mostra algum detalhe da pessoa.

Com relação à câmera, há dois aspectos importantes: o ângulo e os movimentos. Os ângulos definem a inclinação da câmera e podem ser:

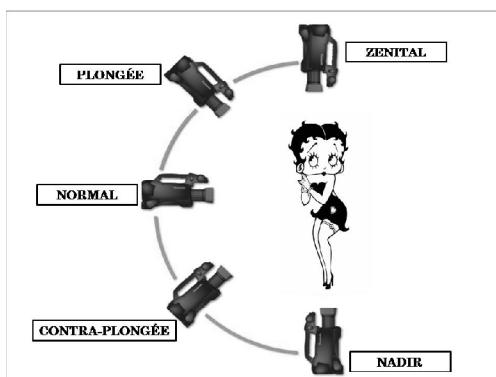


Figura 1. Ângulos de câmera

- 1) **Normal:** a câmera se situa na altura dos personagens.
- 2) **Plongée:** a câmera se situa por cima da personagem, diminuindo-a. Este ângulo é usado para dar a sensação de impotência, de pequenez.
- 3) **Contra-plongée:** a câmera se situa abaixo do nível dos olhos, voltada para cima. Neste ângulo, a personagem ganha importância, poder, força, etc.
- 4) **Zenital:** a câmera se situa totalmente por cima dos personagens, oferecendo uma panorâmica quase aérea do que está acontecendo.
- 5) **Nadir:** a câmera se situa totalmente debaixo dos personagens.

Já os movimentos de câmera podem ser:

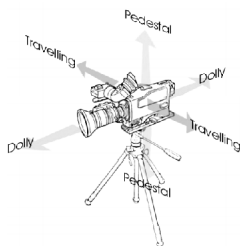


Figura 2. Movimentos de câmera I

No movimento *travelling*, a câmera se move horizontalmente, para a esquerda ou direita, e no *dolly*, para frente ou para trás. No pedestal, a câmara se movimentava verticalmente, para cima ou para baixo.

Há também outros movimentos chamados: *Tilt*, Panorâmica (Pan) e Arco. *Tilt* é a rotação da câmera em torno de seu eixo horizontal para cima ou para baixo. Panorâmica é a rotação da câmera em torno de seu eixo vertical para a esquerda ou para a direita; e Arco é a rotação da câmera em torno do objeto filmado.

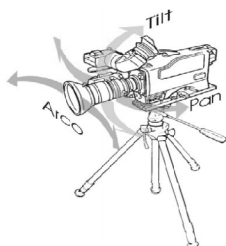


Figura 3. Movimentos de câmera II

Vale salientar que a escolha de cada um dos elementos acima citados tem um objetivo para conquistar determinado efeito. Em videoaulas expositivas, por exemplo, o mais comum é o uso de planos médios, câmera em seu ângulo normal e sem movimentos, uma vez que a intenção não é dar ênfase ao professor, mas sim ao conteúdo por ele apresentado.

2.2 Conceito de Videoaula

A videoaula é um recurso audiovisual produzido para atingir objetivos específicos da aprendizagem e impulsiona a disseminação do conhecimento. Para Arroio e Giordan[6] a videoaula é uma “modalidade de exposição de conteúdos de forma sistematizada” que “se mostra didaticamente eficaz quando desempenha uma função informativa exclusiva, na qual se almeja transmitir informações que precisam ser ouvidas ou visualizadas e que encontram no audiovisual o melhor meio de veiculação”.

De acordo com o trabalho apresentado no Congresso ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância - de 2003, intitulado “Novas perspectivas para utilização de meios e materiais em EaD”, a videoaula é:

Uma tecnologia que proporciona a comunicação "face a face" entre grupos situados em dois ou mais lugares geograficamente diferentes. Das tecnologias utilizadas no ensino a distância, a videoaula é a que mais se aproxima da situação convencional da sala de aula, podendo ser considerada uma atividade presencial, por possibilitar a conversa em duas vias, permitindo que o processo de ensino/aprendizagem ocorra em tempo real (online) e possa ser interativo. Cerqueira [7].

Carneiro (2003, p. 98-99), define-a como um “Programa de vídeo educativo, em que o professor apresentador emprega recursos visuais e sonoros para substituir o quadro-de-giz”. Já o autor Timm (2003, p. 13) acrescenta que esse material didático audiovisual possui uma “linguagem espontânea e coloquial”, mas mantém “as características intrínsecas à educação - como precisão e correção”.

Com relação à sua construção, Dallacosta et al. [8] afirma:

A videoaula, quando bem planejada, consegue fazer com que os alunos participem ativamente, muitas vezes procurando certo conteúdo que os professores têm dificuldade de encontrar devido às diversidades e acessibilidade de fontes de informações em nossa sociedade.

Por isso, é preciso levar em consideração que uma videoaula, por ser um produto audiovisual educativo, tem suas especificidades e não pode ser tratada ou planejada, por exemplo, como um produto televisivo ou cinematográfico.

Em primeiro lugar, é necessário definir o assunto e o objetivo do vídeo a ser produzido, levando-se em conta que um programa educativo não é, necessariamente, uma aula. Um vídeo educativo pode viajar por gêneros variados - documentário, novela, telejornal, reportagem, teatro, etc. Pode relatar, discutir, contrapor, instigar, informar, interagir. É uma peça "viva", mesmo confinada entre as linhas da imagem eletrônica. Girão [9].

Entretanto, não é necessário, segundo Moran [2], o domínio de técnicas complexas, contudo, pode-se começar pelas tecnologias mais simples e ir adquirindo conhecimento que permita a utilização dos instrumentos tecnológicos mais complexos.

Assim, para obter um produto audiovisual educativo de qualidade, a etapa de planejamento é a mais importante, visto que é ela que

definirá todo o restante do processo. E, para que o planejamento ou roteirização ocorra de maneira eficaz, também se faz necessário conhecer e dominar as etapas de uma videoaula, sua classificação, seus conceitos mais importantes e as ferramentas digitais existentes para seu desenvolvimento.

2.3 Tipos de videoaulas

Ferrés [4] propõe uma sistematização das modalidades de utilização didática do vídeo. Tal taxionomia inclui a descrição das facetas características de cada modalidade de uso, conforme se verifica a seguir:

Tabela 2. Tipos de videoaula - Ferrés (1996)

Videolição	Exposição sistematizada de conteúdos.
Videoapoio	Utilização de imagens (slides) veiculadas pelo vídeo para reforçar o discurso verbal do professor.
Videoprocesso	O aluno é responsável pelo processo de produção, como um incentivo à criatividade.
Programa Motivador	O vídeo é utilizado como recurso de sensibilização.
Programa Monoconceitual	Vídeos breves que trabalham um só conceito de maneira intuitiva.
Vídeo Interativo	Vídeo associado à outra mídia, no qual a interação se dá com mídias de computador, videodisco, CD-ROM, etc.

Conforme o autor, é possível perceber que o vídeo pode ser utilizado com inúmeros objetivos educativos e pode ser um recurso bastante motivador em sala de aula, seja ela virtual ou presencial.

2.4 Etapas de produção de videoaula

Na produção de uma videoaula é preciso conhecer as três fases, a saber:

- 1) Pré-produção: planejamento e desenvolvimento do roteiro;
- 2) Produção: gravação;
- 3) Pós-produção: edição.

Na pré-produção, para a construção de um bom roteiro, é preciso definir e registrar, por exemplo, que tipos de enquadramento, plano e movimentos da câmera serão utilizados no momento da filmagem. Desse modo, se faz necessário conhecer as regras que regem a linguagem audiovisual, pois cada uma delas conta, descreve e expressa informações diferentes.

O êxito nas etapas de produção e pós-produção de uma videoaula depende, necessariamente, da construção de um bom roteiro, construído na etapa de pré-produção. A fase de pré-produção “consiste na preparação, planejamento e projeto do vídeo a ser produzido. Essa etapa abrangê todas as demais atividades que serão realizadas, desde a concepção da ideia inicial até a filmagem”. Vargas [10]

Girão [9] afirma que:

Na fase de criação e planejamento, é importante fazer um levantamento dos recursos disponíveis e do que será necessário para ilustrar o assunto - fotos, pinturas, documentos, locações, imagens em movimento de arquivo e a serem gravadas, atores, locutor(a), etc. É necessário saber o que queremos de um vídeo e o que vai ser dito. Muitas vezes, o objetivo da peça audiovisual é suficiente para escolher o melhor gênero, o tipo de locução, os participantes, etc.

Como se percebe, este processo é complexo, uma vez que nada poderá ser alterado após esta etapa, pois é nela “que decidimos se o programa terá ou não um apresentador, uma voz em off (quando a pessoa não aparece), se teremos atores, onde e quando utilizaremos animação, computação gráfica e outros efeitos especiais” (Girão [9]).

Já a fase de Produção “é a etapa que são feitas as filmagens das cenas que compõem o vídeo” (Vargas [10]). Nesta fase, é importante que haja, junto ao professor, uma equipe técnica responsável pelos seguintes aspectos no momento da gravação: enquadramento do plano visual, linguagem, tempo de gravação, apresentação visual do professor, som, luz e acompanhamento do roteiro pré-produzido.

Por fim, se chega à etapa de Pós-produção, a qual “recobre todas as atividades até então realizadas para a finalização do vídeo quando se faz a edição e a organização das tomadas gravadas para a composição das cenas do vídeo como um todo” (Vargas [10]). Nesta fase, é executada a edição e, a posteriori, a validação, que tem o objetivo de controle de qualidade, observando a coerência do conteúdo e a adequação da linguagem.

2.5 O roteiro de videoaula

Wohlgemuth [11] define o termo “roteiro” como “uma descrição gráfico-literária do programa audiovisual (vídeo), no qual são previstas as imagens e os sons que vão formar o produto final”.

Já Costa [12], em seu *Dicionário de gêneros textuais*, o define da seguinte maneira:

ROTEIRO: itinerário, guia, manual ou descrição minuciosa de viagem com vários tipos de indicação (geográfica, culinária, hoteleira, etc.). [...] No cinema, radiofonia, teatro ou televisão, texto que resulta do desenvolvimento do argumento de filme, vídeo, novela, programa de rádio ou televisão, peça teatral, etc., dividido em planos, sequências e cenas, com as rubricas técnicas, cenários e todos os diálogos.

Além de conhecer o conceito, é importante saber que roteiro pode possuir vários formatos de apresentação. No entanto, são usados com mais frequência os dois tipos seguintes:

Modelo americano: Os conteúdos se distribuem numa só coluna. *Modelo de roteiro europeu:* Os conteúdos são distribuídos em 2 ou 3 colunas. No modelo de uma só coluna, tanto o som como as imagens aparecem na mesma coluna, mas são menos utilizados, de modo geral, são usados nos informativos. Os mais utilizados são os modelos de 2 a 3 colunas e inclusive 4. (FERNANDEZ NARANJO *et AL* [13])

O primeiro modelo, mais comum no cinema, descreve sequências numeradas de imagens e diálogos ao longo da página, explicando a ação e que imagens serão usadas para ilustrar o que é dito. Já o segundo, mais usado para outras produções audiovisuais, divide a folha de papel em pelo menos duas colunas: uma descreve tudo o que diz respeito ao som ou áudio e a outra descreve o tratamento visual, imagens e outros recursos visuais que irão compor o programa.

3. MODELOS E ORIENTAÇÕES PARA A PRODUÇÃO DE ROTEIROS DE VIDEOAULAS

Neste tópico, buscou-se fazer uma breve descrição de uma pesquisa realizada em diversos livros, sites e artigos, nacionais e estrangeiros, para expor os modelos encontrados para a produção de roteiro de videoaula. O resultado das buscas apresenta modelos (estruturas) de videoaulas bastante conhecidas, tais como a do Telecurso 2000, bem como orientações para se construir um roteiro de videoaula que possibilite uma melhor qualidade do produto audiovisual educativo. A seguir serão listados os resultados mais relevantes.

Para começar, o Telecurso 2000, a princípio, chamado de Telecursos de 2º Grau em 1978 e de Telecursos de 1º Grau em 1981. De acordo com Wendorff [14], a estrutura dessas videoaulas segue o seguinte padrão:

asteleaulas têm uma duração de 15 minutos, divididas em três partes: introdução, desenvolvimento e revisão. As aulas se iniciam com uma introdução, geralmente através de uma pequena história produzida pelos atores do programa. A seguir, apresenta-se o título da teleaula e inicia-se a ‘aula’ propriamente dita.

Além disso, ainda conforme a autora, para uma melhor exposição e explicação dos conteúdos, em diversas ocasiões, são lançadas situações-problema no decorrer das histórias. Nesse momento, a imagem ‘se congela’ e aparece uma apresentadora, que se dirige aos telealunos na condição de especialista, assumindo o papel de questioná-los e fazê-los pensar.

Por fim, para encerrar a videoaula e estimular os alunos a seguirem estudando, Wendorff [14] descreve que:

após a explanação inicial da teleaula e o desenvolvimento da história, segue a hora da revisão dos assuntos da teleaula, em alguns minutos finais. Depois da revisão, aparecem atores que atuam no Telecurso 2000, e os mesmos sugerem que os alunos estudem no livro e que tirem as dúvidas com os orientadores de aprendizagem.

Sobre a maneira de encabeçar o tema de uma videoaula, Azevedo Junior, Ramos e Azevedo [15] afirmam que nas primeiras cenas da videoaula pode-se aplicar estratégias de entrada que despertem a curiosidade do aluno em relação ao tema, como as descritas a seguir:

- Abrir a videoaula com uma pergunta instigante, aproximando o aluno através de uma linguagem dialógica e informal.
- Apresentar uma visão geral do tema, sua importância na prática dos alunos e o objetivo da aula.
- Fazer referência a uma passagem curiosa em um filme, ou um anúncio de jornal, que ilustre uma problemática que será tratada na aula.

Na Universidade Federal de São Carlos, conforme descreve Mazzeu [16], para a produção do roteiro de videoaulas, os professores preenchem uma máscara com o texto que irá falar para a câmera. Além da máscara, algumas orientações são transmitidas ao professor, conforme transcrição abaixo:

- Na coluna da esquerda, “Fala”, escreva literalmente aquilo que quer dizer aos seus alunos. Tenha em mente que você está se comunicando diretamente com eles, assim, evite frases como “é necessário que o aluno desta disciplina...”. Prefira sempre “é necessário que vocês...”. Evite também um linguajar muito formal. Procure sempre escrever o roteiro de forma clara, objetiva e mais próxima à linguagem oral.

- Na coluna da direita, “Destaques na tela”, devem ser escolhidos textos com palavras-chave, ilustrações, fotos ou animações que venham a colaborar e reforçar aquilo que está sendo dito na coluna da esquerda. Em caso de destaques de texto, procure ser bastante objetivo. Frases longas costumam atrapalhar o entendimento da fala. Caso opte por fotos, ilustrações ou animações, lembre-se sempre de não exagerar na quantidade. Muitas informações podem poluir a tela e dificultar o entendimento do aluno. Caso você queira incluir alguma figura no seu vídeo, procure a equipe audiovisual para ser orientado sobre como proceder. Como não podemos trabalhar com material com copyrights, temos ilustradores que podem redesenhá-las baseadas nas originais.
- O roteiro é dividido em parágrafos para facilitar a gravação. Procure escrever, no máximo, até 10 linhas (fonte Calibri tamanho 11) em cada parágrafo. Este procedimento é necessário, pois durante a gravação, é feita a leitura do texto num teleprompter (um monitor situado abaixo da lente da câmera no qual o texto é exibido). Essa leitura é interrompida por um corte na gravação ao final de cada parágrafo. Desta forma, busca-se uma maior desenvoltura na leitura e interpretação do texto em frente às câmeras. Não se preocupe em decorar o texto e nem com erros durante a leitura. A divisão em parágrafos curtos também visa facilitar eventuais correções na gravação.
- Quando estiver escrevendo o roteiro do seu vídeo de introdução, evite incluir datas, nomes de tutores, ou detalhar demais atividades, pois o intuito é que o vídeo possa ser utilizado também nas futuras reofertas da disciplina.

Fernández Naranjo et al. [13] desenvolveram uma metodologia com o objetivo de aproximar o roteirista ao mundo audiovisual para o desenvolvimento de roteiro para videoaulas nas carreiras de saúde. Embora os autores restrinjam essa metodologia à área da saúde, é possível aplicá-las às demais áreas do conhecimento.

Quadro 6 - Metodologia para o desenvolvimento de roteiro de videoaulas nas carreiras de saúde

Passos para a construção de um roteiro	
Passo 1	<i>Responder as perguntas:</i> - O quê? (definição do formato, conteúdo) - Para quem? (público, nível de formação) - Para quê? (objetivos)
Passo 2	<i>Escrever a aula no papel:</i> - Isto permite organizar, avaliar debilidades e lacunas que podem ser corrigidas, antes de estruturar o roteiro. - A narração deve ter um estilo coloquial, mais simples e ameno.
Passo 3	<i>Selecionar toda a informação audiovisual e sonora:</i> - Músicas, efeitos sonoros diretos ou indiretamente relacionados com o tema.
Passo 4	<i>Assistir produções similares feitas anteriormente:</i> - Para não repetir erros já cometidos por outros.
Passo 5	<i>Preencher a coluna de áudio:</i> - Na coluna direita devem ser colocados os sons (música, diálogos, narração ou outro efeito sonoro). - A voz do professor: o som da exposição pode ser em <i>on</i> , quando o professor aparece na tela falando ou em <i>off</i> , quando o professor fala e enquanto visualizamos outra imagem que apóia o som, a narração ou explicação dos conteúdos realizada pelo professor.
Passo 6	<i>Preencher a coluna das imagens:</i> - Na coluna da esquerda, colocam-se as imagens previamente selecionadas como recursos para a videoaula.
Passo 7	<i>Relacionar em cada imagem os planos ou os movimentos de câmera:</i> - Tipos de planos: Primeiríssimo Primeiro Plano PPP, Primeiro Plano PP, Plano Médio PM, Plano Americano PA, Plano Geral PG. - Movimentos de Câmera: Zoom, Corte, Dissolvência.
Passo 8	<i>Preencher a coluna do tempo:</i> - É necessário evitar seqüências muito longas. Na linguagem audiovisual, poucos segundos são muito tempo.
Passo 9	<i>Preencher a coluna das cenas:</i> - A primeira coluna da esquerda levará o número da cena correspondente em ordem sucessiva.

Ferrés [4] descreve o roteiro técnico como “a transcrição escrita das imagens e sons tal como aparecerão posteriormente na tela”.

Tal roteiro é, conforme o autor, estruturado em duas grandes colunas, as quais correspondem ao que se vê e ao que se escuta:

- *O que se vai ver*: Os atores, sua posição e suas evoluções. Os objetos. A decoração ou cenário e os elementos ambientais. Porém, não somente o que se vai ver. Também “como” se vai ver, quer dizer, a maneira como vai ser apresentado: a composição, o enquadramento, a planificação, a angulação, os possíveis movimentos de câmera, a iluminação [...].
- *O que se vai escutar*: A voz em *Off*, se é que existe, ou, em seu caso, os diálogos [...]. A música. Os efeitos de som, os ruídos ambientais. E, também aqui, a maneira como tais recursos são integrados. Ferrés [4]

Por fim, conforme Girão [9], “algumas regras devem ser seguidas: frases curtas e na ordem direta, evitar adjetivos e frases introdutórias longas e sem efeito”, pois “quanto mais objetivo, direto e claro for o texto, melhor será a compreensão”.

Como foi possível perceber, há muitos modelos de roteiros, bem como direcionamentos para que sejam adequados ao produto educativo. Tais diretrizes são bastante pertinentes para o professor recém-chegado na área de produção de videoaulas. É importante deixar claro que não se teve por objetivo neste capítulo mostrar o certo ou o errado, mas sim, dar a conhecer o que existe para melhor adequar a cada realidade educacional.

O modelo elaborado neste trabalho foi desenvolvido a partir desta e de outras pesquisas demonstradas adiante e visa atender às necessidades dos cursos do Profucionário, que são ofertados na modalidade a distância de educação pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE.

4. O MODELO SCD DE ROTEIRO DE VIDEOULA

4.1 Construção do modelo SCD

Para desenvolver o modelo de roteiro de videoaula proposto neste trabalho, foi realizado, primeiramente, um estudo e análise de diferentes tipos de roteiros e, em seguida, buscou-se, a partir de um questionário realizado com diversos usuários de videoaulas, através da ferramenta *Google Forms*, verificar quais os anseios e objetivos quando se busca um material audiovisual educativo.

O questionário foi divulgado em listas de *e-mails* e redes sociais pessoais e profissionais, durante dois meses. Ao final, obteve-se um total de 108 respostas de usuários de videoaulas de diferentes faixas etárias.

De acordo com as respostas, a grande maioria assiste à videoaulas às vezes ou frequentemente, concorda que a videoaula é um instrumento para melhorar o aprendizado e já fez uso deste recurso com esse objetivo.

Os usuários destas videoaulas assistem, principalmente, a videoaulas no *Youtube*. A busca de informações na internet vem se tornando cada vez mais frequente, pelo aumento da acessibilidade à rede e por unir o útil (necessário) ao agradável (entretenimento). Nesta rede social, o usuário tem um acervo maior de vídeos para a sua escolha.

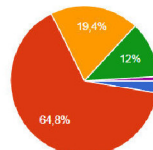
Esses usuários também concordam que as videoaulas, quando comparadas a aulas presenciais, reforçam o aprendizado e esclarecem pontos importantes da matéria. Os entrevistados reconhecem o valor didático das videoaulas para o reforço de seus

estudos, ou para recuperar alguma aula ou, ainda, uma informação perdida ao longo de seu processo de aprendizagem.

Com relação à independência do aluno ao aprender exclusivamente por videoaulas, verificou-se que, como na pergunta anterior, a maioria dos entrevistados (47,2%) utiliza a videoaula como recurso adicional. No entanto, a videoaula pode oferecer meios para que o usuário compreenda algum conteúdo que não tenha ficado claro. Tal fato se deve, talvez, pelo tempo mais curto das videoaulas e por seu caráter mais objetivo.

O questionamento a seguir aponta que as videoaulas motivam os seus usuários na sede de respostas às suas dúvidas, reforçando os dois resultados anteriores.

As videoaulas te deixam mais motivado(a)?



Não. Prefiro somente as aulas presenciais.	3	2,8%
Sim. Sempre que tenho dúvidas recorro aos vídeos.	70	64,8%
Sim. Normalmente tenho listas de canais assinados.	21	19,4%
Sim. Sempre procuro novas atualizações.	13	12%
Sim. Fico ansioso(a) esperando que saiam novas produções de videoaula.	1	0,9%

Figura 4. Gráfico: motivação de videoaula

A partir da análise desses dados, chegou-se ao seguinte modelo de roteiro de videoaula.

Tabela 2. Modelo SCD de roteiro de videoaula

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA Ceará Campus Quixadá		ESCOLA de Profucionário		e-Tec rede Brasil	
CURSO: XXX	DISCIPLINA: XXX		SEMESTRE: XXX		
APRESENTADOR(A): XXX		ROTEIRISTA: XXX		REVISOR: XXX	
TÍTULO DA VIDEOAULA: XXX				Nº DA VIDEOAULA: X/X	
ROTEIRO DA VIDEOAULA					
ORIENTAÇÕES					
<ol style="list-style-type: none"> 1. Na coluna áudio, deve constar o texto que será lido pelo professor durante a gravação. <ul style="list-style-type: none"> • O texto dessa coluna deverá ser claro, objetivo, coeso e coerente, além de possuir uma linguagem dialogada com o aluno. 2. Na coluna vídeo, devem constar em detalhes os efeitos/recursos que deverão aparecer na tela. <ul style="list-style-type: none"> • Caso seja necessário o uso de imagem, colocar a observação "Inserir as imagens da Cartela 1 em anexo". Essa cartela é um arquivo em Powerpoint com as imagens e suas fontes. • Imagens e citações podem aparecer de duas maneiras: <i>em tela cheia ou no monitor</i>. No primeiro caso, o professor sai de cena, já no segundo, ele divide espaço com o monitor virtual. • Qualquer efeito (movimento, direção, cor, saída) que o roteirista deseja dar à imagem ou ao texto, deverá ser detalhadamente explicado neste campo. • É preciso especificar em cada cena, se o professor aparece (ON) ou não (OFF) na tela. • Caso o professor apareça na cena, especificar o plano: Primeiro plano, Plano médio ou Plano americano. • É possível utilizar cenas de outros vídeos, desde que se especifiquem: a fonte (retirado de...) e os minutos exatos do filme a serem utilizados. O vídeo deverá ser encaminhado em anexo. 					

DESCRIÇÃO DA CENA	VÍDEO	ÁUDIO
BREVE APRESENTAÇÃO E SAUDAÇÃO DO PROFESSOR		
BREVE RESUMO DO CONTEÚDO VISTO NA VIDEOAULA ANTERIOR (SE HOUVER)		
APRESENTAÇÃO DOS CONTEÚDOS QUE SERÃO ABORDADOS NA VIDEOAULA CHAMADA PARA A AULA		
PERGUNTA OU TEXTO INSTIGADOR PARA INTRODUIR O CONTEÚDO		
CONTEÚDO DA AULA...		
CONTEÚDO DA AULA...		
CONTEÚDO DA AULA...		
CHAMADA DA REVISÃO		
RESUMO DO CONTEÚDO VISTO NA AULA		
MOTIVAÇÃO/INDICAÇÃO PARA O ALUNO SEGUIR ESTUDANDO		
CHAMADA PARA PRÓXIMA VIDEOAULA (SE HOUVER)		
DESPEDIDA		

O modelo de roteiro de videoaula elaborado e batizado como SCD (Simples, Conciso e Didático) levou em consideração as premissas que o próprio nome expressa, visando, assim, descomplicar o processo de criação de roteiros de videoaulas. Para tal, os tópicos do roteiro proposto buscaram contemplar as informações fornecidas no questionário.

De acordo com a pesquisa, os usuários de videoaulas preferem assistir a videoaulas que Ferrés [4] denomina como vídeo lição e vídeo apoio. O modelo de roteiro de videoaula proposto nesta pesquisa se adequa a ambos os modelos preferidos pelos entrevistados, uma vez que contempla uma exposição sistematizada de conteúdos com o objetivo de uma aula expositiva ou até mesmo de um apoio para reforçar o discurso do professor.

Desse modo buscou-se, no modelo elaborado, contemplar os recursos que os usuários consideraram como importantes para um bom desempenho do aprendizado. De acordo com os usuários, é preferível vídeos em que são intercaladas a imagem do professor e o conteúdo, além de usar imagens e animações ilustrativas.

Também se verificou que os usuários preferem que o professor se apresente ao iniciar a aula. No entanto, o professor não deve estender-se nesta apresentação. Outro dado que chamou a atenção foi o fato de boa parte dos que responderam ao questionário apontarem que conhecer o professor é um motivo a mais para seguir com a videoaula, pois este conhecimento, embora breve, passa confiança ao aluno.

Além disso, os usuários de videoaulas gostam de ver a imagem do professor. No entanto, este não deve ser o único recurso adotado. A imagem do professor motiva os alunos, mas o seu excesso pode causar cansaço.

Seguindo a estruturação dos itens componentes do roteiro proposto, percebeu-se, com o questionário, que a revisão possui uma relevância para os usuários. Desse modo, optou-se por utilizá-la, com brevidade, no início e no final da videoaula, para, respectivamente, revisar a videoaula de uma sequência anterior (se houver) e revisar o conteúdo da videoaula atual.

Após a apresentação do professor, do resumo da videoaula anterior e da apresentação dos conteúdos da videoaula atual, o professor roteirista se depara com os campos do conteúdo. Para

isso, primeiro ele deverá desenvolver uma pergunta instigadora para estimular a curiosidade do aluno e dar prosseguimento à videoaula. O conteúdo propriamente dito, conforme os usuários responderam, deve ser contínuo, com exemplos visuais. No entanto, boa parte dos usuários respondeu que os recursos multimídia devem ser usados com moderação.

Ainda sobre o campo do conteúdo, pôde-se verificar que, embora não se deva abusar de recursos multimídia, é necessário que existam vinhetas e/ou transições entre os tópicos de aula para esclarecer pontos específicos. Esses dados também reforçam a necessidade dos campos “CHAMADA PARA A AULA” e “CHAMADA PARA A REVISÃO”, com o intuito de situar o aluno em seu percurso de aprendizagem..

Quando se chega ao final da exposição/explicação dos conteúdos, é hora de revisar o que foi visto e, em seguida, fazer a indicação de outras fontes de estudo. Por fim, deve-se fazer a chamada para a próxima videoaula (se houver) e fazer a despedida.

Além dos pontos citados, foi possível verificar a importância de algumas questões importantes na hora de escrever um roteiro de videoaula, a saber:

A primeira merece especial destaque: a duração da videoaula. De acordo com as respostas, pode-se concluir que o resultado modal foi de 29,6% dos entrevistados que optaram por vídeos entre 15 e 20 minutos. No entanto, a média dos três maiores grupos de entrevistados apontam as videoaulas entre 10 a 15 minutos ideais para um melhor desempenho no seu aprendizado. No geral, 96,3% dos entrevistados rejeitaram vídeos curtos menores que 5 minutos.

Outro ponto relevante é a linguagem. Mais da metade dos entrevistados preferem uma videoaula dialogada com espectador, sem muitas formalidades, o que sugere que o espectador espera uma linguagem direta com mais recursos de comunicação, sendo clara e informal para facilitar o seu entendimento sobre o assunto estudado.

4.2 Avaliação do modelo SCD

Após a elaboração do modelo SCD de roteiro de videoaula (tabela 2), foi iniciada a elaboração dos roteiros que seriam gravados para o Profunec, programa do Governo Federal que visa à formação técnico-pedagógica dos funcionários de escolas públicas da educação básica. Os professores envolvidos nesse processo trabalharam diretamente com o modelo SCD roteirizando as videoaulas do programa.

Em seguida, após sua produção, os roteiros foram encaminhados para a gravação em estúdio e foi realizada uma pesquisa com os professores que compunham a equipe de roteirização, por meio da ferramenta *Google Forms*, para verificar se e como o modelo de roteiro SCD contribuiu na pré-produção de videoaulas.

A pesquisa, realizada com 13 professores de diversas áreas (pedagogia, letras, serviço social, publicidade e propaganda, jornalismo, administração), analisou diversos pontos descrito a seguir.

Primeiramente, foi-lhes perguntado sobre a experiência com roteirização de videoaulas. Constatou-se que bem mais da metade dos entrevistados (69,2%), não possuíam experiência alguma com essa atividade.

Em seguida, buscou-se saber sobre a facilidade ou dificuldade em trabalhar com este modelo. Dos entrevistados, apenas 23,1% consideraram-no difícil e 15,4% o classificaram como muito fácil e 61,5% como fácil. Tais números nos levam a concluir que o

A videoaula escolhida para ser avaliada foi a de número 5, de um total de seis videoaulas que compõem a disciplina *Homem, pensamento e cultura: abordagem filosófica e antropológica da educação*. O tema abordado nela trata sobre o sentido dos valores na construção da humanidade de homens e mulheres e como esses valores afetam a vida das pessoas no seu dia a dia e porque eles são tão importantes na educação em geral e na educação escolar.

Após a gravação, edição e validação, a videoaula foi finalizada com nove minutos e doze segundos de duração e conta, além da apresentação de uma âncora (profissional mediador dos conteúdos), com diversos recursos, tais como: frases chaves e esquemas no monitor virtual; tela cheia (com lousa, esquemas ou imagens); além de entrevistas e um vídeo extra.

Assim, após edição e validação da videoaula, foi obtido o resultado ilustrado a seguir.



Figura 5. Videoaula gravada

4.4 Avaliação da videoaula

O objetivo principal da avaliação foi mensurar a qualidade das videoaulas produzidas e a aceitação deste tipo de material didático.

Logo, a videoaula e o questionário descritos a seguir foram enviados via redes sociais para todos os membros da equipe que compunha o Profuncionário. Esses avaliadores consistiam em tutores presenciais e a distância; professores formadores; equipe técnico-pedagógica; e coordenadores de curso, ou seja, todos os profissionais que lidam com o aluno e conhecem a sua realidade.

Responderam ao questionário um total de trinta e dois profissionais. Foram avaliados os seguintes aspectos: (i) duração da videoaula; (ii) qualidades do áudio e do vídeo; (iii) forma de apresentação do conteúdo; e (iv) eficiência para a aprendizagem do tema.

A partir desses aspectos, foram elaboradas as perguntas do questionário que se configuraram da seguinte maneira:

Como você avalia a duração da videoaula? *

MUITO CURTA

CURTA

SUFICIENTE

EXTENSA

MUITO EXTENSA

Numa escala de 0 a 5, como você avalia a qualidade do vídeo? *

0 1 2 3 4 5

Figura 6. Questionário avaliação da videoaula

A seguir, serão detalhados alguns resultados da pesquisa.

A primeira questão avalia a duração da videoaula: 96,9% dos profissionais avaliaram esse quesito como suficiente, enquanto que apenas 3,1% (uma pessoa) achou a videoaula curta.

A segunda pergunta pede para o profissional avaliar a qualidade do vídeo: 62,5% atribuíram a este quesito a escala maior 5 e 31,3% a escala 4. Como se pode ver a seguir, este quesito foi avaliado positivamente, uma vez que obteve aprovação de 93,8%.

Sobre a avaliação da qualidade do áudio, o mesmo percentual (93,8%) foi encontrado na soma dos percentuais das duas maiores escalas, 71,9% e 21,9%.

Com relação aos recursos utilizados na videoaula, 46,9% avaliaram na escala 5 e 46,9% na escala 4. Tais números também sugerem que os recursos escolhidos foram avaliados positivamente.

Além da pergunta em escala, foi-lhes pedido para comentar o que acharam desses recursos. Das respostas coletadas, destacam-se as seguintes afirmações positivas:

- *Muito interessante e diversificado. Utilizou-se de imagens, breves entrevistas, trechos de vídeos, além de uma linguagem acessível e não cansativa.*
- *Os recursos utilizados são de excelente qualidade; imagens nítidas, esquemas bem organizados, os entrevistados bem esclarecidos a respeito do assunto abordado.*
- *Essenciais para embasar uma boa dinâmica em uma aula.*
- *Os recursos são claros e objetivos, capazes de atingir todos os públicos fazendo compreensível a mensagem expõe.*
- *Os recursos utilizados na videoaula foram muito bons, pois explanaram de forma simples o conteúdo abordado, deixando o vídeo explicativo, de fácil entendimento e dinâmico.*
- *Excelentes, pois contribuem de forma significativa para a aprendizagem.*
- *Bons recursos que ajudam a deixar a aula menos monótona.*
- *Gostei principalmente da inserção das entrevistas e do vídeo do filósofo. Me prendeu a atenção. Os esquemas também auxiliam muito e tornam a aula mais didática.*

Entretanto, houve também algumas críticas, relatadas a seguir:

- *A entrevista não pareceu natural pelos "monossílabos" dos entrevistados. Ainda assim, foi eficaz na ilustração do conceito de valores.*
- *A entrevista poderia ser mais subjetiva para enriquecer o conteúdo.*
- *As entrevistas ficaram um pouco superficiais*
- *Faltou mais realismo nas imagens e objetos mais dinâmicos e interativos.*

Com relação à forma de apresentação do conteúdo, foi avaliada a sequência de conteúdos da videoaula:

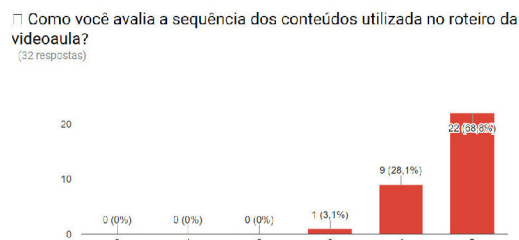


Figura 7. Avaliação - Sequência de conteúdos da videoaula

Conforme se verifica, a maioria das pessoas avaliaram positivamente a sequência dos conteúdos: somando as duas maiores escalas, obtém-se uma aprovação de 96,9%. Confirma-se tal resultado nos comentários adicionados a esta questão:

- *Sequência muito boa, o aluno pode acompanhar a evolução dos fatos.*

- Seguiu uma sequência adequada e com ideia de continuidade.
- Segue uma sequência lógica, encadeando e fixando os conteúdos gradativamente.
- Sequência consegue abordar bem o conteúdo exposto e não é cansativa
- A sequência ficou bastante didática.
- O planejamento estratégico facilitar a compreensão do professor, mas também levar o aluno a noção de tempo e conteúdo que será abordado. Vejo como uma referência de interação entre a aprendizagem dos objetivos preparados pelo professor para o aluno.
- A sequência foi objetiva e bem instigadora, prendendo a atenção para quem a visualizou e convidativa para as próximas aulas.
- Convidativa, interativa e bem articulada.
- Roteiro bom, consistente com o formato de audiovisual.
- Clara e organizada.
- A sequência da aula foi bem estrutura, instigou os alunos com perguntas para introduzir os conteúdos, apresentou os conteúdos de forma clara e objetiva e dinâmica.
- Diante da temática explorada creio que a sequência foi perfeitamente adequada.

Embora o resultado tenha sido positivo, algumas críticas também foram feitas, a saber:

- Diante da temática explorada creio que a sequência foi perfeitamente adequada.
- O vídeo não apresenta a chamada para a revisão, ainda assim, revisa ao final do vídeo.
- A apresentação do vídeo está bem elaborada, mas faltou os itens que serão abordados na aula e qual o fim a que a aula se presta.

Em outra pergunta se buscou saber o que eles acharam da abordagem do tema exposto quanto à eficiência de sua metodologia para processo de ensino-aprendizagem dos alunos do Profunçãoário. Notou-se que mais da metade (53,1%) avaliou este quesito na escala 5. Outros 34,4% avaliaram na escala 4. Tais números sugerem 87,5% acreditam que essa videoaula pode colaborar para a aprendizagem dos alunos do Profunçãoário. Confirma-se isso nos comentários a seguir:

- Muito bom o aluno vai poder compreender de forma efetiva.
- Apesar de ser um tema digamos que mais "abstrato" que exige uma certa reflexão por parte dos alunos, a sequência utilizada, a linguagem e as estratégias foram adequadas para que isso fosse possibilitado e acontecesse com êxito.
- O aluno do Profunçãoário concilia trabalho e estudos, por tanto a metodologia das aulas precisam ser clara e objetiva como a apresentada nessa videoaula para facilitar seu processo de aprendizagem.
- A videoaula é essencial para o complemento das atividades do cursistas do Profunçãoário, pois eles têm o conteúdo explicado e ressalva a proposta da EAD.
- Acredito que a mensagem foi passada de forma breve, mas eficiente.
- Abordagem bem dirigida
- A abordagem ficou muito dinâmica e clara.
- Uma metodologia inovadora que faz com que o aluno(a) sem prenda e tenha interesse nos conteúdos abordados.

- A abordagem do tema é bastante clara e bem esquematizada.
- O tema foi bem explicado e explorado.
- A metodologia facilita a compreensão do conteúdo diante da dinâmica apresentada.
- Linguagem acessível, com exemplos práticos adequados ao perfil dos alunos.
- As videoaulas e a explicação com exemplos e entrevistas tornam o conteúdo mais fácil de ser compreendido.
- O vídeo é lúdico e transmite uma informação de forma clara e objetiva.

Nesta pergunta, também houve críticas:

- A metodologia é boa, mas faltou a especificação prévia dos itens abordados na aula: uma apresentação geral.
- Acredito que é necessária uma maior abstração para compreender essa temática. Talvez seja importante exemplificar alguns conceitos com base em situações do cotidiano.
- O tema é um pouco difícil e acaba usando um vocabulário que talvez dificulte o entendimento do conteúdo.
- Achei a linguagem um pouco rebuscada e faltou contextualizar melhor o conteúdo para o ambiente escolar e os profissionais não docentes.

Por fim, foi-lhes perguntado se eles recomendariam a videoaula para outro público e a razão. Houve unanimidade em recomendar e as razões foram as mais diversas, como é mostrado a seguir:

- Sim, pois o conteúdo é abrangente a outras áreas do conhecimento, tipo para alunos da sociologia, filosofia, história, economia, administração, etc.
- Sim, pois a forma que foi trabalhada é acessível para diferentes tipos de públicos-alvo.
- Sim. Porque achei essa metodologia de ensino muito valiosa, participativa!
- Para qualquer formação pedagógica de funcionários de escolas, pois a linguagem é simples, mas bastante significativa.
- Sim, um público com maior escolaridade.
- Adultos, curso técnico ou superior.
- Sim por que está direcionada pra alunos do ensino médio.
- Sim, porque é didático e tema serve pra várias áreas.
- Sim. Porque vem de encontro as necessidades do ensino atual: Foco, objetividade e interação entre os conteúdos trabalhados, metodologias e aprendizagem significativa.
- Sim, está bem estruturada, utiliza diferentes recursos para facilitar a compreensão do conteúdo. A parte técnica está muito bem realizada.
- Sim. Um público que já tem formação além do nível técnico. Porque que foi bem organizada com um conteúdo, recursos bem explorados e com uma linguagem que pode atingir um público que já tenha outros conhecimentos, que já tenha uma formação.
- Sim. Embora sintético, esclarece alguns pontos para leigos.

Após a coleta e análise dos dados dessa pesquisa, foi possível validar positivamente o modelo SCD de roteiro de videoaula mais uma vez, visto que o resultado configura-se em uma

videoaula que cumpre com eficácia o papel a que se propõe: ensinar e ajudar o aluno a aprender.

Embora tenha havido críticas em alguns quesitos, estas não desvalidam a videoaula nem tampouco o modelo SCD, ao contrário, elas indicam que o processo de ensinoaprendizagem precisa sempre de avaliação, pois a partir delas, serão encontrados novos e melhores caminhos para construir o saber.

5. CONCLUSÕES

O vídeo e, em especial, a videoaula, já preencheu e continua a preencher diferentes espaços, virtuais ou não, em nossa sociedade atual. Como foi visto neste trabalho, na educação, isso não poderia ser diferente.

Diante desse contexto e, pelo fato de os professores possuírem pouca ou nenhuma formação na área audiovisual, surgiu a necessidade de criar mecanismos que ajudassem tais profissionais a incluir essa ferramenta em suas práticas educativas. Em virtude disso, foi desenvolvido neste trabalho um modelo de roteiro de videoaula para que o professor pudesse criar e produzir com qualidade e criatividade um bom roteiro de videoaula: o modelo SCD (Simples, Conciso e Didático) de roteiro de videoaula.

O modelo SCD foi utilizado por alguns professores na roteirização de videoaulas do programa Profucionário e, após todos os processos descritos ao longo deste trabalho, foi possível validá-lo positivamente. Tal fato se deu por conta da otimização do trabalho do professor roteirista iniciante, que, através do modelo de roteiro implementado, pôde desenvolver seu trabalho com mais clareza e objetividade.

O modelo de roteiro desenvolvido pode ser utilizado por quaisquer profissionais da educação que desejem incorporar o recurso videoaula em suas práticas pedagógicas, presenciais ou a distância, devido ao seu formato: Simples, Conciso e Didático.

Outro aspecto positivo é o fato deste modelo preencher uma lacuna na formação de nossos professores, uma vez que, como foi exposto neste trabalho, não há formação durante as graduações para a produção de materiais didáticos, sobretudo, o audiovisual. Contudo, é importante salientar que, embora o modelo proposto tenha se mostrado um recurso importante para o desenvolvimento de roteiros de videoaulas por profissionais da educação sem experiência com roteirização, se utilizado de maneira isolada, isto é, sem adentrar nos estudos mínimos da linguagem audiovisual, pode não cumprir seu papel maior.

Desse modo, conclui-se que o modelo SCD de roteiro de videoaula, por apresentar uma estrutura simples, concisa e didática, é capaz de auxiliar professores leigos na produção de roteiros de videoaulas.

6. REFERENCIAS

- [1] NOVELI, P. **The classroom as a space for communication: reflections on the theme.** Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997. Disponível em <http://www.scielo.org/pdf/icse/v1n1/03.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- [2] MORAN, José Manuel. **As múltiplas formas de aprender.** Revista Atividades & Experiências. Julho 2005. Disponível em <http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/23855/6910/positivo.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- [3] KENSKI, Vani Moreira. **O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologia.** In: VEIGA, D.P.A. (Org). Didática: o ensino e suas relações. Campinas: Papirus, 1996.

- [4] FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação.** 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.
- [5] NOGUEIRA, Luiz. **Manuais de Cinema III: Planificação e montagem.** Covilha: LabCom Books, 2010.
- [6] ARROIO, A.; GIORDAN, M. **O Vídeo Educativo: Aspectos da Organização do Ensino.** Química Nova na Escola, n. 24, p. 8-11, 2006. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc24/eqm1.pdf>. Acesso em: 01 Mar. 2015.
- [7] CERQUEIRA, J. D.; BARTHOLO, R.; MUDADO, T. H.; AYRES, A. R. **Novas perspectivas para utilização de meios e materiais em EAD.** 2003. ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2003/docs/anais/TC116.htm>. Acesso em: 13 nov. 2016.
- [8] DALLACOSTA, A.; TAROUCO, L. M. R.; DUTRA, R. L. de S. **A Utilização da Indexação de Vídeos com MPEG-7 e sua Aplicação na Educação.** RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 2, p. 1-10, 2004. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12993/00057272_3.pdf?sequence=1. Acesso em: 04 Mar. 2015.
- [9] GIRAO, Lígia Cirino. **Processos de produção de vídeos educativos.** In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. **Integração das Tecnologias na Educação.** Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.
- [10] VARGAS, A. **Desenvolvimento de um Software Educacional para Auxílio à Produção de Vídeos.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação). Instituto de Computação - Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2007. Disponível em http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?co_de=vtls000414551&fd=y. Acesso em: 02 jun. 2015.
- [11] WOHLGEMUTH, Julio. **Vídeo Educativo.** Uma pedagogia audiovisual. Brasília: Editora SENAC, 2005.
- [12] COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais.** 3ª ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- [13] FERNANDEZ NARANJO, Anayda *et al.* Metodología para escribir el guión de una videoclase para las carreras de la salud. **Rev habancienméd.** Ciudad de La Habana, v. 9, n. 1, marzo 2010. Disponível em http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-519X2010000100013&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 04 oct. 2015.
- [14] WENDORFF, T. da S. **Ensinando a ser trabalhador: um estudo das representações no Telecurso 2000.** Anais da 27ª reunião anual da ANPED - 2004. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt09/t0917.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2015.
- [15] OLIVEIRA, A.; STADLER, P. de C. **Videoaulas: uma forma de contextualizar a teoria na prática.** Anais do 20º Congresso Internacional de ABED de Educação a distância, Curitiba - 2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/352.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2015.
- [16] MAZZEU, Ian Rittmeister. **Produção de videoaulas para EaD: contribuições para o diálogo com os educandos.** 2012. 98f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo. Disponível em: http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5862. Acesso em: 10 abr.